



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**EURIZANDO GOMES CAOMIQUE**

**CONSTITUIÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS ELITES NA GUINÉ-BISSAU:  
CONTINUAS CLIVAGENS E RUPTURAS (1879-2017)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2017**

**EURIZANDO GOMES CAOMIQUE**

**CONSTITUIÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS ELITES NA GUINÉ-BISSAU:  
CONTINUAS CLIVAGENS E RUPTURAS (1879-2017)**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte de requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

**EURIZANDO GOMES CAOMIQUE**

**CONSTITUIÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS ELITES NA GUINÉ-BISSAU:  
CONTINUAS CLIVAGENS E RUPTURAS (1879-2017)**

Trabalho apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 5 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

**Pedro Acosta Leyva - Orientador**

Doutor em Teologia pela Faculdade EST, Brasil

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

**Ismael Tcham - Examinador**

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

**Fábia Barbosa Ribeiro - Examinador**

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DA PESQUISA</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>HIPÓTESE</b>	<b>11</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>12</b>
<b>5.1</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>12</b>
<b>6</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>13</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da vida humana, houve grandes mudanças e transmutações que ocorreram em diversos campos da sociedade. Essas transformações foram motivadas pelas relações que nortearam indivíduos na terra ao longo da história humana. Visto que, as ações humanas tiveram grandes impactos na regeneração da sociedade humana em que fizemos parte. Ora, surgiram grupos de intelectuais que exaustivamente se dedicaram nos estudos sobre as transformações decorrentes no Universo. Segundo as abordagens teóricas, o termo “elite” começou a ser usada para designação de produtos incomuns que são oferecidos a venda nos mercados franceses no século XVII. Com o decorrer do tempo, a utilização do termo elite ganhou maior vulgaridade em novos contextos do século XVIII, sobretudo nas camadas sociais. Para Barnabé (1999), esses estudos tiveram grandes avanços depois de serem traduzidos para inglês as obras do Vilfredo Pareto (*Mind and Society*, editado em 1935) e do Gaetano Mosca (*The Ruling Class*, em 1939). A partir dessas traduções, essa teoria das elites ganhou nova formulação e sistematização nos Estados Unidos. Além disso, apareceram grupos de autores trazendo as suas abordagens e conceitos sobre o tema. Atualmente brotaram conjunto de obras discorrendo acerca do estudo da minoria dominante em diversas sociedades. No continente africano, os estudos iniciaram-se nas décadas dos anos 40, provavelmente o início de primeiras movimentações do acordar do nacionalismo africano pelas independências.

No entanto, o presente trabalho de pesquisa tem como o título *A Constituição e composição das elites na Guiné-Bissau: clivagens e rupturas*. O interesse pelo tema surgiu depois das discussões informais com os meus conterrâneos sobre a existência da elitização na sociedade Bissau-guineense; em que muitos deles duvidaram da presença deste grupo minoritário nos territórios Bissau-guineense. O nosso estudo terá como problema de pesquisa: de que forma se deu os processos de constituição e composição das elites na Guiné-Bissau? Com o recorte temporal de 1879-2017. O objetivo da investigação é analisar os diferentes momentos que nortearam a constituição deste grupo dominante.

A partir desta análise, privilegiaremos uma perspectiva histórica e sociológica; centraremos as nossas discussões e descrições nos marcos históricos ocorridos no espaço territorial que hoje é denominado geopoliticamente da Guiné-Bissau; que correspondia justamente ao território da província da Guiné<sup>1</sup>, resultante da convenção Luso-Francesa<sup>2</sup> e dos

---

<sup>1</sup>Província da Guiné é a designação dada á atual território que hoje é Guiné-Bissau durante o regime colonial portuguesa.

contínuos amoldamentos de fronteiras, que finalizaram na primeira década do século XX, (SILVA; SANTOS, 2014, p. 23). Sendo assim, o país localiza-se na costa ocidental da África, faz fronteiras com o Senegal ao norte; Guiné Conacri ao sul e leste e, com o oceano Atlântico a oeste. Também faz parte do território da Guiné-Bissau o arquipélago dos Bijagós, formado por mais de 80 ilhas e ilhéus. A Guiné-Bissau contém uma extensão territorial de 36.125 km<sup>2</sup>. A pesquisa será qualitativa com base no método exploratório.

No que diz respeito à elite tradicional, *Lopes* (2005) argumenta que o processo da formação dos grupos tradicionais “os régulos”, cujo começo da sua formação situa-se por volta de 1240, período que coincide com a dominação do Reino de Kaabu na altura tributário do império de Mali. Os grupos étnicos que habitavam aquela região cultuavam os seus ancestrais e as forças da natureza. Eram organizados a partir de um regime sem poder centralizado, sem divisão hierárquica, com total valorização das suas culturas; desses grupos destaca-se os Balantas, os Manjacos, os Bijagós, em outros casos os que se converteram ao islamismo, no caso dos *Beafadas*<sup>3</sup> (AUGEL, 2007, p.51).

Sendo assim, a primeira elite que se constituiu na Guiné-Bissau; foram influenciadas nas suas formas de organização social e política pela aristocracia mandingue essa estrutura “Nyantio<sup>4</sup>”, permitiu o aparecimento da estrutura de poder por famílias “nyamakala<sup>5</sup>”, que por sua vez, teve efeito enorme nas estruturas do poder dos grupos étnicos que ocupam o atual espaço territorial do país. (LOPES, p. 20). Havia duas formas de estruturação social: os que possuíam uma estrutura vertical e com poder centralizado e os que se estruturam de uma forma horizontal, sem estratificações e centralidade (AUGEL, 2007. p. 52). Por outro lado, estes sistemas não ultrapassavam uma aldeia ou agrupamento de vilas. Tinham uma estratificação ou estrutura sociais tripartidas hierarquicamente que incluíam elite governante e pessoas livres, endógamos grupos profissionais e escravos. A permanência deste sistema é sustentada pela sucessão dentro dos Clãs (BROOKS, 2003, p. 121).

---

<sup>2</sup>*Convenção Luso-Francesa* na sequência da conferência de Berlim (novembro de 1884 a fevereiro de 1885), França e Portugal traçam no mapa as atuais fronteiras da Guiné-Bissau. França fica com a região do Casamança e oferece em troca a faixa de Cacine.

<sup>3</sup>*Beafadas* são grupos étnicos na Guiné-Bissau que na sua maioria ocupam a zona sul do país.

<sup>4</sup> *Nyantio* é uma das hierarquias ou classe nobre Mandinga mais importante, dentro dela encontram-se linhagens reais tais como: os Manés e Sani etc...

<sup>5</sup>*Nyamakala* ocupavam as estruturas intermédias do poder mandinga, representando a classe dos artistas e profissões especializadas, tais como os ferreiros por exemplo. Devido à sua forte endogamia e aos papéis específicos desempenhados na sociedade foram associados a um sistema de castas, atraindo dessa forma a curiosidade, não só dos cronistas da época, mas também dos investigadores contemporâneos.

Essas estruturas africanas tiveram grandes transformações com a chegada dos europeus no continente africano. No que tange a costa da Guiné, concretamente na região de Senegambia, Cardoso (2002) afirma que a partir dos primeiros contatos dos europeus com os povos africanos, os grupos étnicos daquela região tinham a sua organização social, política, e econômica diferenciada uma da outra; tendo como base de subsistência a produção agrícola. Tinham uma forma de produção agrária em diferentes níveis de desenvolvimento e, com diferentes formas de estruturação social.

A ocupação efetiva do território pelo sistema colonial portuguesa e consequente administração dos territórios que dantes eram regidos pela elite tradicional, o poder dos chefes tradicionais começara a enfraquecer e as relações entre administrações tradicionais e instituições coloniais começaram a entrar em choque, por um lado, havia resistência dos chefes tradicionais em não aceitarem os preceitos autoritários dos colonizadores que não respeitavam as normas de sucessão tradicionais, por outro lado, os colonialistas não reconheciam o sistema tradicional africano de administração capaz de responder as demandas de progresso e de expansão portuguesa. Por estas razões, o sistema colonial português interrompeu o processo do desenvolvimento administrativo tradicional da Guiné-Bissau (DJALÓ, 2012, p. 78).

O segundo grupo de elite que se constitui depois da descontinuidade da administração dos territórios pelas chefias tradicionais, e, que foram substituídas pelas nomeações diretas dos agentes da confiança dos colonizadores como régulos, possibilitou o surgimento da elite moderna. No qual Cardoso<sup>6</sup> (2002), argumenta que as primeiras elites que constituíram depois da implementação efetiva do sistema colonial portuguesa foram frutos do contato dos europeus com os povos autóctones na costa da Guiné. Depois destes, destacou-se grupos de mestiços (resultado de uniões entre brancos e negros) e africanos que tinham parceria com os europeus no comércio.

Dentre estes grupos destacam-se certos números de cabo-verdianos e oficiais de exército. Os cabo-verdianos foram obrigados a emigrarem de Cabo-Verde para a Guiné, devido às secas de 1863-1866, com o destino à produção de cana de açúcar e consequente fabrico de aguardente e açúcar afastados dos centros populacionais. Com o declínio das pontas de produção de açúcar e aguardentes, os descendentes dos cabo-verdianos foram obrigados à procura de uma nova forma de subsistência ou rendimentos, passando a ocupar cargos públicos de média e pequena categoria e de assumirem empregos nas empresas

---

<sup>6</sup>Carlos Cardoso Doutorado em filosofia, investigador do INEP e, atualmente investigador visitante do Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências e Trabalho e da Empresa (ISCTE) e professor da Universidade Lusófona em Lisboa.

comerciais. Passando décadas, esses grupos assumiam 70% dos funcionários públicos. (COUTO; EMBALÓ, 2010, p.22). A nomeação desses grupos ocorria diretamente de Cabo-Verde e não da metrópole. Essa elite cabo-verdiana gozaram de privilégios concedidos pelos portugueses de acesso a escolaridade, de serem mais fluentes a falar a língua portuguesa e de familiarizar com a cultura ocidental. (CARDOSO, 2002, p. 8).

A terceira elite que se constituiu foi ‘a elite da independência’ alcunhada de elite cabralista ou elite política, esses grupos tinham nas suas composições grupos de assimilados, o mais destacado desse grupo era Amílcar Lopes Cabral, influenciado pelas ideologias pan-africanista e da Negritude, segundo Appiah (1997), essas ideologias “basearam-se nas questões raciais de reafirmação do negro africano”, conseguiram nas décadas de 50 mobilizar a massa camponesa na aderência a luta armada. A criação do PAIGC (Partido Africano de Independência Guiné e Cabo-Verde), em 19 de setembro de 1956, em Bissau. O partido defendia o princípio da unidade de Guiné e Cabo-Verde, partindo das ligações históricas entre os dois povos. Foi por essa união que possibilitou a projetar a luta armada contra o jugo colonial português (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 23). Por esta dinâmica, a política terá começado a partir dos anos 50, início das primeiras movimentações para independências. Sendo assim, viria a constituir outro grupo que mais tarde comporia o início da elite política Bissau-guineense, possibilitando a criação de um quadro autônomo e interno. (CARDOSO, 2002, p. 10). Por outro lado, a outra parte desse grupo formou-se no decorrer dos combates através dos estudos nos países aliados em especial na antiga União Soviética, juntamente com outra parte oriundas das camadas sociais que não faziam parte da pirâmide da sociedade colonial.

Depois da independência, o país estava sob domínio de um sistema monopartidário; do partido único legitimada pela constituição da república no seu 4º artigo. Por estes motivos, os dirigentes do PAIGC, assumiram o protagonismo da única organização política capazes de controlar e gerir a reconstrução do país, isolando os que não tinham participado na luta, originando conflitos entre os que estavam mais preparados pela experiência administrativa e os que chegavam das matas. (CARDOSO, 2002, p. 11).

A instabilidade política, a falta do conhecimento e de superação nas áreas econômicas e ausência de quadros preparados para assumirem o aparelho de estado impossibilitou a continuidade do sistema de partido único sustentada pela ideologia socialista em decadência nos finais dos anos 80.

O quarto grupo de elite que surgiu é a “elite econômica” este grupo teve como impulso a liberação do mercado nos finais dos anos 80, grupos de empresários foram financiados pelas



instituições internacionais Banco mundial e FMI, estas instituições exigiam à autonomização de certas instituições de estado. Por outro lado, a emergência dos empresários, cuja sustentação económica é os empréstimos concedidos pelas instituições internacionais e a introdução de critérios rigorosos na gestão de coisa públicos, proporcionou uma nova transformação social na base de acumulação de estado. (CARDOSO, 2002, p. 13).

Anos depois surgiu um novo grupo de elites ‘elite política’ pós-liberalização política (abertura política para o multipartidarismo, ou seja, pluripartidarismo). Esse grupo constitui-se como uma alternativa a elite política do partido único (PAIGC), o configurino deste grupo é composto de elementos oriundos do PAICG, onde destaca-se o partido da renovação social (PRS), tendo como líder Kumba Yala, sido eleito presidente da república nas eleições presidenciais e legislativas de 1999-2000. (COUTO; EMBALÓ,2010, p. 25).

Por último, o quinto grupo que neste trabalho nomearemos de “elite intelectual” grupos de quadros que estão ligados às organizações internacionais dos quais se destacam Paulo Gomes, Carlos Lopes entre os outros, e, daqueles que estão nas academias em formação.

Essas serão os parâmetros que iremos percorrer para a necessária compreensão do processo da formação de grupos de elites na Guiné-Bissau, que no outro ângulo, nos forneça informações para entendimento desta sociedade. Por um lado, vivenciar numa forma literária as constantes clivagens e rupturas que acompanharam a evolução desses grupos na sociedade Bissau-guineense.

## **2 JUSTIFICATIVA**

O conceito de elite tem que ser entendido como um processo inerente a todos os grupos sociais. Por isso, autores clássicos do conceito de elite, da escola sociológica italiana, Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca (*Mind and Society*, editado em 1935 e *The Ruling Class*, em 1939), nas suas obras asseguraram existência de um carácter universal em todas as classes sociais, de uma minoria dominando a maioria, e esses grupos minoritários são designados de elite. Sendo assim, faz-se necessário analisar o seu desenvolvimento em sociedades africanas, em particular no contexto Bissau-guineense. O interesse pelo tema surgiu depois das discussões sumárias com os meus conterrâneos sobre a existência da elitização na sociedade Bissau-guineense; em que muitos destes companheiros (Bissau-guineenses) duvidaram da presença deste grupo minoritário nos territórios da Guiné-Bissau. Por outro lado, depois do

contato com o artigo de Carlos Cardoso “*Formação e recomposição da elite política moderna na Guiné-Bissau: continuidades e rupturas (1910-1999)*,” inquietou-me aprofundar e pesquisar sobre a configuração que se deu a constituição deste grupo minoritário na Guiné-Bissau, para melhor compreensão da realidade social no país, visto que, a sociedade guineense é caracterizado por diversos problemas e crises de ordem social em diversos campos ( na política, saúde, educação economia etc...), por isso, torna-se pertinente à execução desta pesquisa para melhor compreender o impacto deste grupo minoritário nos atuais conflitos internos que abrange diversos campos do contexto social; das disputas entre diferentes instituições da república; clivagens internas dos partidos políticos e constantes envolvimento dos militares nos assuntos estatais. Assim como analisar as formas de organização e de estratégias de enfrentamentos das crises sociais, econômicas, políticas e de novos desafios. Provavelmente, a compreensão da dinâmica da formação desses grupos não se limita somente ao contexto interno devido à característica do próprio país, mas sim, das relações partilhadas externamente e das influências externas na formação do figurino institucional do nosso estado e da sociedade.

A execução deste trabalho ocorrerá durante o período da minha graduação na área de história, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Espera-se que este trabalho servirá de suportes bibliográficos para as pesquisas nas áreas das ciências sociais e história. Por outro lado, o motivo que torna o desenvolvimento do presente trabalho importante está relacionado com a fraca produção literária sobre esta temática na Guiné-Bissau, sem ignorar grandes esforços dos pesquisadores locais em produzir trabalhos num contexto de precariedade aguçados pelas políticas aplicadas pelo governo no sistema educacional e na produção do conhecimento científico. Por conseguinte, o projeto a ser pesquisado visa contribuir em fortalecer a discussão sobre este grupo minoritário no contexto da Guiné-Bissau indo além das questões discutidas no artigo do Carlos Cardoso, em particular, a formação de outros grupos de elites, sobretudo da elite tradicional (os régulos).

### **3 DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DA PESQUISA**

O território que hoje é a Guiné-Bissau foi alvo de vários processos ao longo da sua história. As primeiras marcas da presença humana nestes territórios remontam a III milênios a. C., dos povos que habitavam a região do deserto de Saara. Este processo deve-se a vários fatores: a imigração de diferentes grupos étnicos no interior do continente, as lutas e

conquistas pela sobrevivência que ocorreram ao longo dos séculos. A ação da seca do Saara impossibilitou a permanência desses povos nesse lugar obrigando a fuga destes grupos para as zonas que permeavam melhores condições de subsistência. No entanto, esses grupos viriam a formar o embrião dos atuais grupos étnicos que constituem a população Bissau-Guineense, entre os quais incluíam os Papéis, manjacos, brames, Balatas, Beafadas e entre outros. (BENSINHO; ROSA, 2015, p. 11).

Este projeto de pesquisa delimitou-se em analisar e descrever de que maneira se desenvolveram os processos de constituição e composição das elites na Guiné-Bissau, suas rupturas e clivagens. Tendo como recorte temporal o interregno 1879/2017, que compreende o período da autonomização da Guiné separando-se administrativamente de Cabo-Verde passando a ter seu próprio governador e até os dias atuais. A análise desta constituição e composição das elites Bissau-guineense, articula-se com análise da forma como se deu a composição deste grupo e o impacto da influência externa na formação e composição desses grupos. É importante salientar que esta pesquisa partirá de uma coleta de dados bibliográficos.

Também é importante salientar que a Guiné-Bissau está num processo transitório e de formação em diversos aspetos sociais, ainda que o país seja marcado por algumas instabilidades, conflitos armados e outros problemas tais como: a saúde, a educação, a pobreza e a má gestão administrativa das instituições públicas. Por isso, o entendimento das sociedades africanas e em particular a partir da estruturação da sociedade Bissau-guineense torna-se imperativo, se partimos de uma análise sociológica e histórica, que no caso da Guiné-Bissau, a estratificação social é pouca desenvolvida e que se fundamenta nos meios de produção com base na habilidade de influenciar as decisões políticas e na detenção do capital social/ou do conhecimento, de educação/formação e status. (CARDOSO, 2002, p. 5).

#### **4 HIPÓTESE**

Provavelmente, as pesquisas estão a evidenciar a possível influência externa como alicerce da constituição e composição das elites na Guiné-Bissau. Partindo do período da dominação mandinga conhecido historicamente de *Mandinqué*<sup>7</sup>, os povos que ocupavam os

---

<sup>7</sup>*Mandinqué* termo usado no período de apogeu do império do Mali para designar os habitantes daqueles Territórios sob dominações mandingas ou Nas línguas dessa região o sufixo “nké” (“nquê” na transcrição para o português) ou “nka” representam a ideia de integração e território, “o país de” ou “o povo de”, como por exemplo “mandenka” que, obviamente, está na origem da terminologia “mandinga”, “mandinka”, “mandingue”.

territórios que hoje é Guiné-Bissau, foram influenciados nas suas formas de organização social e política. Por outro lado, a chegada dos portugueses para uma ocupação efetiva ancoradas nas decisões da conferência de Berlim, deu-se a continuidade dessa influência externa, sobretudo com a inclusão dos mestiços nos lugares da tomada de decisão. O surgimento da elite cabralista nos anos 50 tendo como motor dessa elite Amílcar Cabral, que possivelmente foram influenciados pelos estudos em Portugal, sobretudo a convivência da casa de império e das ideologias dos movimentos de reafirmação da identidade africana ‘Pan-africanismo e Negritude’ que resultou na luta armada contra o jugo estrangeiro. Também, os que formaram durante a luta de libertação que culminou com independência da Guiné-Bissau, muitos estudaram nos países aliados a Guiné-Bissau durante a guerra. Por conseguinte, os grupos que surgiram depois da libertação do mercado no decorrer dos anos 80, foram apoiados financeiramente pelas instituições internacionais (a elite econômica), que viabilizou o desenvolvimento deste grupo. O evento da libertação democrática dos anos 90 em maioria dos países africanos tiveram grandes contribuições no ressurgimento de novos grupos de elites políticos no país. Por último, as elites intelectuais, muitos resultaram dos estudos realizados fora do país e com estreita ligação aos organismos internacionais.

## **5 OBJETIVO GERAL**

- ✓ Analisar com intuito de compreender os processos da constituição e composição das elites na Guiné-Bissau.

### **5.1 OBJETIVOS ESPECIFICOS**

- ✓ Descrever de que maneira se deu a constituição e composição das elites na Guiné-Bissau;
- ✓ Identificar possíveis influências externas na constituição e composição das elites na Guiné-Bissau;
- ✓ Analisar se estes grupos têm influência nos conflitos que o país enfrenta ao longo da sua história.

## 6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A procura da compreensão dos processos que propiciaram a constituição e composição das elites na Guiné-Bissau, suas clivagens e rupturas, que parti como objetivo deste trabalho se faz necessário compreender de antemão os fundamentos teóricos sobre as relações que se dá entre dominantes e dominados sustentada na detenção do poder. O conceito de poder vária de acordo com a forma como foi abordada pelos autores. O poder é uma forma de obtenção de obediência, ou seja, a capacidade de fazer triunfar uma vontade em qualquer que seja domínio. Por estes motivos, grupos de intelectuais cada um dá sua maneira trouxeram as suas indagações sobre o conceito do poder. (WEBER, 2005).

Para Marx Weber (2005), existem apenas três tipos puros de poder, em que cada um se encontra associado ou inerente a uma estrutura social radical com diferentes formas de administração:

O poder legal é o tipo burocrático definido através de um estatuto arbitrário e formal, onde se pode criar ou alterar o já existente. Este tipo de poder é sustentado pela lei que contém as regras de obediência. Neste tipo de poder pode ser encontrada nas estruturas dos estados modernos, nas empresas privadas e em qualquer instituição com corpos administrativos hierarquicamente articulados. Por outro lado, este poder não se limita somente a burocracia, também existe outros tipos de funcionalismos que foram desenvolvidas de uma forma legal do poder. Numa primeira análise do poder legal tipo burocrático em relação a elite Bissau-guineense que se enquadra com a proposto de Weber. É a elite moderna que se implantou com a ocupação efetiva do sistema colonial português, em que foram criadas novas formas de administração regulamentada pela lei. Este tipo de poder burocráticos continua a ser o mais dominante tendo em conta a construção do estado novo e aderência ao sistema democrático.

O poder tradicional, este tipo puro de poder baseia-se nas dominações patriarcal. Neste tipo de poder quem manda é o senhor ‘Corpo administrativo e quem obedece são os súditos ‘servidores’. A base sustentadora deste tipo de poder é apoiada pela veiculação tradicional. Neste tipo puro de poder na perspectiva de Weber, se enquadra no contexto Bissau-guineense com a elite tradicional ‘os régulos,’ que se formaram antes da chegada dos portugueses, que depois foi interrompida o seu desenvolvimento com implementação da administração colonial e reintegrado depois da abertura política. A obediência a este grupo tradicional se vincula a hábitos e costumes tradicionais.

O poder carismático é tipo ligado a uma dedicação de afeto a uma pessoa e aos seus dons, ‘carisma’, desenvolvidas em várias especialidades e aptidões: capacidade mágica, heroísmo, poder de espírito e de discursar. Estes poderes são sustentados nas autoridades dos profetas, dos heróis de guerra e dos grandes demagogos. Para Weber são essas três formas de poder puro que possibilita a obtenção de uma obediência em diferentes motivos. Este tipo de poder se encontra em diferentes campos da sociedade Bissau-Guineense (Políticos, Músicos, jogadores, empresários etc.).

As concepções do poder não se limitaram apenas com aqueles apresentados por Weber, alguns autores apresentaram outras formulações, reflexões e argumentações contemporâneas sobre o conceito de poder. Destes autores, o conceito de poder simbólico do sociólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu, o autor, abordou várias questões relacionadas com o poder simbólico, as analogias estabelecidas entre grupos, classes, individuais e coletivas na sociedade humana.

Segundo a concepção de Bourdieu, o poder simbólico é um poder invisível o qual só se pode ser cumprido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes são sujeitos mesmo que o desempenham (BOURDIEU, 1989). Ou seja, este tipo de poder, só pode ser desempenhado com envolvimento das partes participantes na produção deste poder. Por outro lado, o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem do conhecimento humano sobre o sentido do mundo social (BOURDIEU, 1989).

Percebe-se que o poder norteia e traça todas as relações sociais com base nas ações humanas. Para o autor, os símbolos são instrumentos por excelência de integração social. As ideologias são produções simbólicas usadas como instrumento de dominação, elas são produto do coletivo que coletivamente é apropriado e servem de interesses particulares que tendem a apresentar-se como interesses comuns ao conjunto de grupos. Sendo assim, o efeito ideológico contribui para integração real da cultura dominante e legitimação da ordem estabelecida por meio de distinções “hierarquias” (BOURDIEU, 1989).

Expostos as concepções destes autores sobre o conceito do poder que traça as relações entre dominante e dominado. Para saber desta relação entre minoria dominando a maioria, trataremos algumas fundamentações e conceitos da minoria designada de ‘Elite.’

O conceito de elite vinha a ser estudado no final do século XIX e no início do XX. Para Bobbio (1909), as teorias das elites surgiram como uma proposta antidemocrática e anti-socialista, que representava um enorme medo das classes dirigentes nos países onde havia probabilidade dos conflitos sociais se tornarem mais violentos. Os estudos sobre elite tiveram

grandes avanços particularmente depois das versões para o inglês das obras de Vilfredo Pareto (*Mind and Society*, editado em 1935) e de Gaetano Mosca (*The Ruling Class*, em 1939), a partir daí, seguiram sequência de obras experimentais sobre grupos de minorias dominantes nas sociedades democráticas. (PERISSINOTTO; CODATO, 2008, p. 7 ). Depois das traduções dessas obras acima citados, e conseqüente vulgarização, principalmente dois anos depois da publicação do livro de Robert Mills, surgiram grupos de críticos das teorias de elites em torno da sua validade como uma teoria científica.

Nas ciências sociais, podemos encontrar essencialmente três concepções teóricas que rejeitam as teorias das minorias como um objeto de estudo: o estruturalismo marxista, o institucionalismo de escolha racional e a sociologia relacional de Pierre Bourdieu (PERISSINOTTO; CODATO, 2009, p. 248). A primeira concepção crítica do elitismo surgiu nos finais da década de 1960, Nicos Poulantzas rejeitou a importação dos conceitos das elites políticas pelo marxismo, essas recusas resumiam nos seguintes termos:

(...) o funcionamento do Estado capitalista e o seu caráter de classe devem ser explicados a partir dos “vínculos objetivos” existentes entre essa estrutura política específica e a sociedade capitalista; (ii) desse ponto de vista, os indivíduos que controlavam as principais posições do aparelho estatal (a burocracia), independentemente de sua origem social, crenças coletivas e motivações subjetivas que orientam suas condutas, estão destinados a repor a “função objetiva” do Estado, que consiste em manter a coesão de uma formação social baseada na divisão/dominação de classe através da reprodução das condições de existência do modo de produção capitalista; (iii) aceitando-se esse sacramento, a questão central do marxismo deveria ser: “que relações sociais o Estado reproduz?”, e não “quem governa?”, “quem decide?” Ou “quem influencia?” as decisões numa “comunidade” política (PERISSINOTTO; CODATO, 2009, p. 248-249).

A outra crítica ao elitismo parte dos institucionalistas de escolha racional, segundo esta corrente a conjuntura institucional é a variante independente que explica o procedimento de autores políticos apresentados como racionais. Eles sustentam as suas argumentações dessa forma:

Se a conduta dos atores é interpretada estritamente como uma reação racional aos constrangimentos impostos pelas regras institucionais, então para essa teoria decididamente não é prioritário, e nem mesmo importante, perguntar-se sobre a história pregressa, a origem de classe ou os valores culturais dos agentes políticos/sociais. Na verdade, na presença de um determinado ambiente institucional, os indivíduos são intercambiáveis, isto é, seja qual for o seu background social e ideológico, eles agirão da mesma maneira exatamente porque são todos atores que buscam racionalmente sempre maximizar seus objetivos (TSEBELIS, 1998 *apud* PERISSINOTTO; CODATO, p. 250).

Por último, a terceira crítica sobre as teorias elitistas surgiu a partir da crítica da sociologia relacional de Pierre Bourdieu. Para Bourdieu:

(...) a Sociologia deve promover uma ruptura com a visão “essencialista” encontrada em pesquisas influenciadas pela problemática elitista e pelos adeptos do método prosopográfico. Esses estudos, ainda segundo Bourdieu, começam em geral definindo uma dada “população” para, em seguida, estudar os atributos (em sua linguagem: o capital econômico, social, político, cultural etc.) dos agentes que a compõem. (BOUDIEU, 1989 *apud* PERISSINOTTO; CODATO, 2009, p 251).

Essas críticas, certamente são consideradas válidas, mesmo assim, não obriga o rejeitamento da teoria de elite. Com base nas diferentes abordagens conceituais sobre a teoria das elites, é possível encontrar semelhanças e diferenças nas perspectivas dos autores que debruçaram sobre esse tema. A maioria parte dos autores contemporâneos compartilham das mesmas perspectivas da existência da minoria dominante que controla e governa a maioria. Por outro lado, as três críticas apresentadas sobre a teoria clássica das elites; as pesquisas demonstram que mesmo com essas críticas, a teoria clássica das elites continua a resistir a reformulações nas ciências políticas. O exemplo disso é desses autores críticos da própria teoria, mesmo criticando o conceito de elite, eles não refutaram a existência dessa minoria dentro de uma sociedade.

No contexto africano, os estudos sobre elite começaram nos anos 40 e com grandes avanços nos anos 50 e 60, multiplicando-se em grande parte dos novos estados. Mas depois desses períodos, esses estudos perderam interesse devido à importância de novas temáticas tais como: construção nacional, modernização, partido único e entre outros assuntos. Em África, o termo começou a ser empregado depois de vários anos da literatura africanista sobre a mudança social, por isso, é difícil trazer uma definição única desse conceito devido à discordância existente no seio da sociologia (BAKARY, 1990, p. 3-8).

Segundo Bakary (1990), certamente, tanto a elite tradicional e moderna eles são descritos ou designados de burguesia e, por outro lado, constituem certa variabilidade de classes dirigentes ou por outras palavras, eles formariam o embrião da classe social africana.

Partindo dessa análise de diferentes autores sobre o conceito de Elite, a nossa pesquisa privilegiará as teorias clássicas de elite e dos autores contemporâneos como base orientadora para análise e compreensão da forma como se deu o processo da formação desse grupo na Guiné-Bissau. Uma das formas da compreensão dessas relações de poder na Guiné-Bissau passa necessariamente pela compreensão do contexto da formação da Elite nacional. No que tange a sociedade guineense, é caracterizada por fraco desenvolvimento da estratificação social sustentada nos meios de produção. A detenção de propriedades de produção possibilitou a existência de uma diferença entre os cidadãos, que se baseia na habilidade de influenciar as deliberações políticas, na detenção de status, de prestígio entre outros. Mesmo assim, sendo



detentores desses meios, nem em todos os casos fazem parte da elite do poder (CARDOSO, 2002, p. 3).

## **7 METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO**

Os seres humanos sempre foram a procura aprimorar os seus conhecimentos para melhor compreensão dos fenômenos do meio onde vivem. Por isso, com o surgimento do conhecimento científico, a busca da informação ganhou novos contornos, principalmente nas universidades, onde o desenvolvimento de uma determinada indagação sobre qualquer fenômeno sempre é acompanhado de discussões e discordância no espaço acadêmico. Para responder a um questionário ou problemática proposto sobre um determinado fenômeno social existem procedimentos que devem ser seguidos.

Para Gil (2002), a pesquisa é um processo coerente e sistemático que tem como objetivo adequar respostas aos problemas que são sugeridos; e a investigação é solicitada quando não dispomos de informações disponíveis que não atende ao problema. Por isso existem métodos a serem usados durante a pesquisa.

Neste caso, a metodologia que servira de alicerce neste projeto valorizara a forma de produção de conhecimento interdisciplinar no campo das ciências humanas. A natureza da nossa pesquisa obedecerá aos estudos do campo qualitativo que de acordo com Dalfovo; Lana e Silveira:

(...)a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise. (DALFOVO; LANA e SILVEIRA, 2008, p. 5).

Exposto isso, este projeto de pesquisa como já referimos acima estará voltado para essa forma de abordagem investigativa, para melhor materialização das interrogações que foram levantadas no início do projeto.

Nas indagações científicas de modo em geral, são classificados quanto aos seus objetivos. Por isso, este trabalho concerne-se numa pesquisa exploratória, de modo que permite acomodar maior familiaridade do investigador com o problema de pesquisa, em tornar mais fácil a construção das hipóteses. (GIL, 2002, p. 41). Nesse sentido, nos

apropriaremos desta exploração para analisar, descrever com intuito de compreender os processos da constituição e composição de grupos de elites na Guiné-Bissau.

A primeira etapa deste trabalho, os procedimentos técnicos que vão ser utilizados para coleta de dados será feita a partir das pesquisas bibliográficas. Para Carlos Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base nos assuntos já elaborado, composto principalmente de livro, artigos científicos e bibliotecas. A vantagem deste tipo de pesquisa reside em proporcionar ao investigar um campo amplo de dados do que aquele que poderia pesquisar diretamente.

Para compreensão da problemática dessa investigação, privilegiaremos analisar artigos acadêmicos, monografias, livros impressos, teses e dissertações entre outros que trabalharam com as mesmas temáticas ou similares ao tema proposto. Incidindo essencialmente em leituras, análise conceitual e explicação dos textos abordados.

A partir destes procedimentos técnicos, a maior parte do trabalho será realizada na própria biblioteca da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) e nos bancos de dados da internet. Certamente possibilitará a analisar e interpretação dos momentos que se deram a constituição e composição das elites na Guiné-Bissau; por outro lado, identificar a possível influência externa na formação desse grupo de elites no território guineense.

Para Carlos Gil (2002), a pesquisa documental assemelha-se a pesquisa bibliográfica. Mas, no que diz respeito a suas diferenças entre as duas formas de pesquisas está essencialmente na natureza das fontes. O primeiro utiliza as fontes já elaboradas por outros autores, enquanto que a última parte das fontes que ainda não receberam nenhum tratamento “fontes primária” (cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, folhetos). Sendo assim, a pesquisa documental auxiliará o desenvolvimento do nosso trabalho no caso da necessidade de usos de documentos relacionados com a temática de pesquisa.

Acreditamos que a materialização dessa investigação terá um êxito, devido à acessibilidade das fontes que podem ser encontrados em diversos arquivos (a revista Soronda de instituto nacional de estudos e pesquisa INEP, nas suas edições de 1986 /1997 e 2004; Boletim cultural da Guiné-portuguesa, coleções da história geral de África etc. Também privilegiaremos analisar artigos acadêmicos, monografias, livros impressos, teses e dissertações entre outros que trabalharam com a mesma temática. Incidindo essencialmente em leituras, análise conceitual e explicação dos textos abordados, e da internet como outro espaço de pesquisa.

## 8 CRONOGRAMA

Atividades a serem desenvolvidas por ano / semestre	2018-2019		2019-2020		2020-2021	
	1º sem.	2º Sem.	3º Sem.	4º Sem.	5º Sem.	6º Sem.
Aulas presenciais						
Seleção de materiais de leitura bibliográfica						
Confecções de fichamento da bibliografia.						
Reelaboração do Projeto						
Construção do texto da Monografia						
Defesa						

## REFERÊNCIAS

- ABADIA, Danúbia Mendes. **A rejeição revolucionária do colonialismo: Amílcar Cabral e a luta de libertação na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde.** Revista Espaço Acadêmico, v. 16, n. 183, p. 113-125.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.** Contraponto, Rio de Janeiro: 1997.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau.** Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2007.
- BARNABÉ, Israel Roberto. **Elite, Classe social e Poder Local.** Araraquara: Revista de estudo de Sociologia, 1999. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/384>>. Acesso: 20 set. 2017
- BOBBIO, Norberto. Et al. **Dicionário de política.** 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 2010.
- BROOKS, George E. *Eurafricans in Western Africa: commerce, social status, gender, and religious observance from the sixteenth to the eighteenth century.* Ohio University Press Atenas. 2003.
- CARDOSO, Carlos. **A formação da elite política na Guiné-Bissau.** Lisboa: Editor Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2002.
- CARLOS, Antônio Gil. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas. 2002.
- CARVALHO, Clara. **A revitalização do poder tradicional e os regulados manjaco da Guiné-Bissau. Etnográfica,** p. 37-59, 2000. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_04/N1/Vol\\_iv\\_N1\\_37-59.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N1/Vol_iv_N1_37-59.pdf)>. Acesso: 19 maio 2017
- CARVALHO, Clara. La legitimidad de la palabra: la historia de los regulos poscoloniales en Guinea Bissau. Lisboa **Revista CIDOB d'afers internacionals,** p. 17-38, 2009.
- CARVALHO, Ricardo Ossagô de. **Política externa e Estado frágil na Guiné-Bissau: crises multidimensionais e o papel dos organismos internacionais" CPLP & CEDEAO"(1973-2014).** 2002.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau Um país da CPLP.** 20 edições. Brasília: Editora Thesaurus. 2010. Disponível em: <<https://www.bing.com/search?q=couto%3B+embalo+LITERATURA,+L%C3%8DNGUA+E+CULTURANA+GUIN%C3%89BISSAUUm+pa%C3%ADs+da+CPLP&form=IE10TR&src=IE10TR&pc=DCJB>>. Acesso em: 01 set. 2017.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada. Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/184736980/Metodologia-Qualitativo-e-Quantitativo>. Acesso em: 29 set. 2017

DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o poder: identidades, dominações e resistências na Guiné**. Lisboa: Editora Vega, 2012.

DUARTE JÚNIOR, Alonso Pereira. **A CGU E A QUALIDADE DA DEMOCRACIA: uma análise do trabalho realizado pelas operações especiais (2003–2016)**. 2017. Disponível em: <<http://www.leg.ufpi.br/cienciapolitica/materias/index/mostrar/id/16522>>. Acesso em: 28/09/2017.

FERNANDES, Antero da Conceição Monteiro. **Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação**. Porto: 2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8466295-Guine-bissau-e-cabo-verde-da-unidade-a-separacao.html>>. Acesso em: 01/09/2017.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "**Guiné-Bissau**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/guinebissau.htm>>. Acesso em 01 de agosto de 2017. <https://guinebissaudocs.files.wordpress.com/2012/04/histc3b3ria-da-guinc3a9-bissau-em-datas.pdf>>. Acessado em 01/08/2017.

LOPES, Carlos. **O Kaabu e os seus vizinhos: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos**. Bahia: Editora Universidade Federal da Bahia, revista Afro-Ásia, n. 32, 2005.

MENDY, Peter Michael Karibe. **Colonialismo português em África: a tradição de resistência na Guiné-Bissau (1879-1959)**. Lisboa: Editor Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1994.

O'REGAN, Davin; THOMPSON, Peter. **Promover a estabilidade e a reconciliação na Guiné-Bissau: lições do primeiro narco-Estado de África**. Relatório Especial do CEEA N°2, 1ª impressão, texto policopiado, 2013.

PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano. **Classe social, elite política e elite de classe:**

\_\_\_\_\_. **Dossiê "Elites Políticas"**. Curitiba: Editora revista sociologia política, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/93485367/Perissinotto-Codato-Porto-um-Retorno-a-Sociologia-das-Elites>>. Acesso em: 19 de jun. 2017.

Por uma análise societalista da política. Brasília: Editora Revista Brasileira de Ciência Política, 2009. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/23468492814a3e9bc419f1ec516e6e7d/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1626348>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SILVA, Francisco Henriques da; SANTOS, Mário Beja. **Da Guiné-Portuguesa à Guiné-Bissau: um roteiro**. 1ª ed. Porto: Fronteira do Caos Editores Lda, 2014.

**WEBER, Max. Três tipos puros de poder legítimo.** Três tipos de poder e outros escritos (Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft), Trad. Artur Morão, Lisboa, Ed. Tribuna, 2005.